

**POLÍTICAS □
DA IMAGEM
VIGILÂNCIA E
RESISTÊNCIA
NA DADOSFERA
GISELLE
□ BEIGUELMAN**

9	<i>Apresentação</i>
11	1. Olhar além dos olhos
17	Outros cinemas na aurora do cinema
30	Fantasma e canibais
39	Do banal ao radical
47	2. Dadosfera
51	O que vemos nos olhos
62	Estéticas da vigilância
72	Biopolíticas porosas
79	3. Ágora distribuída
91	A cidade como interface
96	Claustrofobia de massa
117	4. Eugenia maquínica
122	Racismo algorítmico
129	Inteligências artificiais são reais
137	5. Memória botox
147	O futuro das rugas
155	O futuro das ruínas
163	6. Políticas do ponto br ao ponto net
169	Retóricas visuais da Memeflix nacional
184	Necropolíticas do caos
189	Janelas do Capitaloceno, visões do Chthuluceno
209	<i>Índice onomástico</i>
217	<i>Sobre a autora</i>

*Aos meus alunos,
por me pedirem respostas às perguntas que nunca fiz.*

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne seis ensaios que discutem diferentes aspectos das políticas da imagem na contemporaneidade, enfatizando seus vínculos com as novas tecnologias, como a inteligência artificial e as práticas artísticas e ativistas. Todos os ensaios são inéditos, porém retomam considerações e trechos publicados em revistas que editei e com as quais colaborei: a saudosa *Trópico*, dirigida por Alcino Leite Neto no UOL, a revista *seLecT* e minha coluna na revista *Zum*, entre outros artigos acadêmicos diversos. Revisitam, também, obras anteriores, como *Futuros possíveis: Arte, museus e arquivos digitais* (Peirópolis/Edusp, 2014), *Memória da amnésia: Políticas do esquecimento* (Edições Sesc, 2019) e *Coronavida: Pandemia, cidade e cultura urbana* (Escola da Cidade, 2020), mas enfocando as imagens e suas relações com os formatos de criação, distribuição e controle que se interpõem aos processos de digitalização da cultura.

Algumas das ideias elaboradas aqui aparecem em projetos artísticos que venho desenvolvendo desde o começo dos 2000. Muito embora eu não os analise neste espaço, é em torno deles que várias das discussões gravitaram originalmente. Acredito que a arte seja uma forma de pensar o mundo e um exercício de tensionamento do real. Por isso, as reflexões deste livro dialogam com obras de artistas/pensadores de Eisenstein a Antonioni, de Rejane Cantoni e Lucas Bambozzi a Harum Farocki, passando por **9** Adam Harvey e Trevor Paglen, entre muitos outros.

Cada um dos ensaios aborda um tema específico, analisando as transformações do olhar, as estéticas da vigilância, a vida urbana mediada por imagens, as novas formas de exclusão – como o racismo algorítmico –, a cultura da memória do tempo do digital e a pandemia das imagens do coronavírus no Brasil e no mundo. Contudo, compartilham um pressuposto comum: as imagens tornaram-se as principais interfaces de mediação do cotidiano. Ocupam a comunicação, as relações afetivas, a infraestrutura e os corpos via sistemas de escaneamento e aplicativos diversos.

Ao falar em políticas da imagem, portanto, não estamos falando apenas das associações entre política e imagem, mas também da sua conversão em um dos principais campos das tensões e disputas da atualidade, onde se cruzam poderes, devires, narrativas e resistências da dadosfera.

Giselle Beiguelman
São Paulo, junho de 2021.

1 OLHAR ALÉM DOS OLHOS



politicasdaimagem.ubueditora.com.br/capitulo-1

Blade Runner (1982), de Ridley Scott, entrou para a história do cinema e do imaginário coletivo colocando em pauta uma Los Angeles distópica, chuvosa e sombria, marcada pela assimetria de poder entre replicantes e humanos. Nesse mundo, carros voadores, prédios altíssimos e painéis eletrônicos gigantescos davam o tom de previsão do que seria a paisagem urbana no século XXI. Exceto pelos carros voadores, a projeção se confirmou.

Esses elementos se repetem na continuação do filme, *Blade Runner 2049* (2017), de Denis Villeneuve, mas se atualizam e se acentuam. Entram na pauta a popularização da engenharia genética e novas formas de relacionamento afetivo entre humanos e *escort girls* digitais, encarnadas (na falta de palavra mais precisa) na personagem Joi (Ana de Armas). Misto de aplicativo e holografia, Joi se apresenta com o sugestivo slogan “Tudo o que você quer ouvir. Tudo o que você quer ver”. Par romântico de K (Ryan Gosling), o *Blade Runner* da vez, Joi é muito mais que uma versão futurista das bonecas infláveis. Ela é o futuro das imagens.

Isso fica claro quando K, andando desolado pela rua, encontra sua namorada-aplicativo estampada em um painel eletrônico enorme, do qual ela sai, holograficamente linda, para conversar com ele. Momento que repete uma série de cacoetes misóginos da relação entre os dois, do ponto de vista da história do audiovisual, é um anúncio do que podemos esperar

13 para nossa relação com as imagens. Imagens expandidas,

para além das telas, e que mobilizam o corpo na sua integralidade, sem se limitar aos olhos, ocupando a cidade.

A cena traça um inequívoco paralelismo com a versão de 1982, quando uma misteriosa *geisha* aparece engolindo pílulas em uma megatela de LED. Ficcional para a época, esse tipo de tela se tornou um acessório recorrente da paisagem contemporânea. Não seria exagero pensar que as holografias “vivas” do filme mais recente também o serão. Mas não é apenas como indicativo da presença da imagem em escala urbana que esse momento é importante. É também como prenúncio de outro olhar e de outra forma de ver o mundo. Rompe-se aí com o pressuposto da separação dos sentidos e da autonomia da visão em relação ao corpo, um dos marcos da reorganização da subjetividade e da vida, que ocorrem no processo de consolidação do capitalismo industrial e da urbanização do século XIX.¹

É nesse contexto que se constitui a sociedade disciplinar, conceituada pelo filósofo francês Michel Foucault (1926–84).² A industrialização, a cidade moderna e a formação dos Estados nacionais são pautadas por novas demandas, que impõem novas regras para que os corpos operem com a velocidade, a eficiência e os padrões de comportamento que o trabalho e o espaço urbano solicitam. Da escola à fábrica, passando pelo transporte coletivo, o exército e a rua, um conjunto de diretrizes passa a prescrever as formas de ocupar a cidade e normatizar o comportamento para a produção e o consumo. É o que Foucault chama de “corpos dóceis”.³

1 Jonathan Crary, *Técnicas do observador* [1990], trad. Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

2 Michel Foucault, *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* [1975], trad. Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2009.

14 3 Ibid., p. 119.

O corpo é esquadrihado por um conjunto de saberes emergentes, que vão da criminologia ao gerenciamento científico da produção, patentes nos estudos de eficiência do movimento do casal Frank Bunker Gilbreth (1868–1924) e Lillian Gilbreth (1878–1972) e nas práticas tayloristas de gestão do trabalho.⁴ Nesse contexto, institui-se um repertório de regras de conduta, ancoradas em novas ciências de “datificação” do social e na criminalização da luta de classes.⁵ Elas modelam a subjetividade e organizam a distribuição das pessoas no espaço.

Em consonância com o lugar social do sujeito, define-se, assim, o lugar do professor e o do aluno na sala de aula, o do general e o do soldado no campo de batalha, o do patrão e o do operário na fábrica, o do louco, no hospício, e o do normal, no espaço público, o do criminoso, na prisão, e o do “homem de bem” na rua. A cada um desses lugares correspondem uma postura, uma expressão facial, um membro por excelência que se destaca em relação ao corpo (a cabeça, o tronco ou as mãos), em conformidade com seu estatuto socioeconômico, cabendo à classe operária as dores físicas decorrentes dessas transformações.⁶

4 Sobre os estudos do casal Gilbreth, ver Brian Price, “Frank and Lillian Gilbreth and the Manufacture and Marketing of Motion Study, 1908–1924”. *Business and Economic History*, n. 2, v. 18, 1989, pp. 88–98. Para uma apresentação detalhada dos métodos de gestão científica do trabalho de Taylor, ver Christine Cooper e Phil Taylor, “From Taylorism to Ms Taylor: The Transformation of the Accounting Craft”. *Accounting, Organizations and Society*, n. 6, v. 25, 1 ago. 2000, pp. 555–78.

5 Carlo Ginzburg, “Sinais: Notas de um paradigma indiciário”, in *Mitos, emblemas, sinais* [1986], trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143–80.

6 Maus-tratos e abuso de menores e mulheres são recorrentes no cenário fabril das primeiras décadas do século XX. Em um país com matrizes escravagistas como o Brasil, a violência física contra os operários

SOBRE A AUTORA

Giselle Beiguelman nasceu em São Paulo, em 1962. Formou-se em história na FFLCH-USP em 1984 e doutorou-se em história social pela mesma instituição em 1991. Atua como artista e professora livre-docente da FAU-USP. Promove intervenções artísticas no espaço público e com mídias digitais. Entre seus projetos recentes, destacam-se Memória da Amnésia (2015), Odiolândia (2017), Monumento Nenhum (2019) e nhonhô (com Ilê Sartuzi, 2020). Foi curadora do projeto Arquinterface: A cidade expandida pelas redes (2015). É membro do Laboratório para Outros Urbanismos (FAU-USP) e do laboratório interdisciplinar Image Knowledge, da Humboldt-Universität zu Berlin, e coordenadora do Gaia (Grupo de Arte e Inteligência Artificial do Inova-USP). Suas obras integram acervos de museus no Brasil e no exterior, como o ZKM e o Jewish Museum Berlin, na Alemanha; o Latin American Collection - Essex University, na Inglaterra; o Yad Vashem, em Israel; e o MAR, o MAC-USP e a Pinacoteca de São Paulo, no Brasil. Recebeu da Associação Brasileira dos Críticos de Arte o Prêmio ABCA 2016, na categoria Destaque. Suas pesquisas abordam a produção e a preservação de arte digital; arte e ativismo na cidade; e as estéticas da memória no mundo contemporâneo. Foi editora-chefe da revista *Select* de 2011 a 2014 e é colunista da Rádio USP e da revista *Zum*. Site: desvirtual.com.

OBRAS SELECIONADAS

O livro depois do livro. São Paulo: Peirópolis, 2003.

Link-se: Arte / mídia / política / cibercultura.

São Paulo: Peirópolis, 2005.

Memória da amnésia: Políticas do esquecimento.

São Paulo: Edições Sesc, 2019.

Coronavida: Pandemia, cidade e cultura urbana.

São Paulo: Escola da Cidade, 2020.

COLEÇÃO EXIT

Como pensar as questões do século XXI? A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje.

LEIA TAMBÉM

*24/7 – capitalismo tardio
e os fins do sono*
Jonathan Crary

*Reinvenção da intimidade –
políticas do
sofrimento cotidiano*
Christian Dunker

*Os pecados secretos
da economia*
Deirdre McCloskey

Esperando Foucault, ainda
Marshall Sahlins

Desobedecer
Frédéric Gros

*Big Tech – a ascensão dos
dados e a morte da política*
Evgeny Morozov

Depois do futuro
Franco Berardi

*Diante de Gaia –
oito conferências sobre a
natureza no Antropoceno*
Bruno Latour

Tecnodiversidade
Yuk Hui

*Genética neoliberal –
uma crítica antropológica da
psicologia evolucionista*
Susan McKinnon

© Ubu Editora, 2021

© Giselle Beiguelman, 2021

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI
Assistentes editoriais GABRIELA NAIGEBORIN,
ISABELA SANCHES e JÚLIA KNAIPP

Preparação CACILDA GUERRA

Revisão CLÁUDIA CANTARIN

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Projeto gráfico deste título LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica MARINA AMBRASAS

Comercial LUCIANA MAZOLINI

Assistente comercial ANNA FOURNIER

Gestão site / Circuito Ubu BEATRIZ LOURENÇÃO

Criação de conteúdo / Circuito Ubu MARIA CHIARETTI

Assistente Circuito Ubu WALMIR LACERDA

Assistente de comunicação JÚLIA FRANÇA

Atendimento JORDANA SILVA e LAÍS MATIAS

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Vagner Rodolfo da Silva – CRB 8/9410

B422P Beiguelman, Giselle

Políticas da imagem: Vigilância e resistência na
dadosfera. / Giselle Beiguelman. Inclui índice.

São Paulo: Ubu Editora, 2021. 224 pp. / Coleção Exit

ISBN 978 65 86497 52 6

1. Arte. 2. Artes visuais. 3. Imagem. 4. Cultura digital.
5. Ensaio. I. Título.

2021-2557

CDD 707 CDU 7

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 707 2. Artes 7

FONTES Edita e Capibara
PAPEL Alta alvura 90 g/m²
IMPARESSÃO Margraf